



SECCO, Lincoln.
*A batalha dos livros:
Formação da Esquerda
no Brasil.*

Cotia: Ateliê Editorial, 2017.
240p.

Dainis Karepovs¹

A batalha dos livros de Lincoln Secco contribui de modo vigoroso para um campo da história da cultura de esquerda no Brasil que dá ainda seus primeiros mas já resolutos passos. Trata-se daquele que tem como personagem central o livro e suas conexões com o mundo do trabalho e sem perder de vista suas relações com o tempo e o espaço em que ele se inseriu. *A batalha dos livros* segue pelo caminho aberto por Edgard Carone em seu *O marxismo no Brasil (das origens a 1964)*². É indubitavelmente um firme passo adiante.

O autor, historiador de sólidas bases, para realizar sua obra segue o conselho do mestre Fernand Braudel: frente às lacunas documentais multipliquem-se os exemplos. As lacunas documentais a que o autor de *A batalha dos livros* se refere são aquelas com as quais os estudiosos da história da esquerda e do movimento dos trabalhadores do Brasil se defrontam frequentemente. As constantes e brutais perseguições da repressão brasileira aos trabalhadores e às suas organizações têm como resultado óbvio a apreensão e a destruição pelo aparato policial-militar do Estado brasileiro da documentação produzida pelas vítimas, descontadas torturas e assassinatos. Grande quantidade de documentos, jornais, boletins, livros desapareceu ou foi, em muitos casos, simplesmente destruída. Além disso, no que se refere ao objeto de atenção de *A batalha dos livros*, só muito recentemente o Estado brasileiro ou as entidades de classe ligadas ao mundo

do livro passaram a documentar e coletar dados como tiragens, leitores, distribuição, etc.

Outro elemento importante para contornar estas dificuldades é a diversidade de fontes, como memórias, textos jornalísticos, informações produzidas no âmbito da repressão policial-militar, etc., que auxiliam a cobrir algumas dessas lacunas. No caso específico destas fontes que mencionamos todo pesquisador sabe muito bem que elas necessitam algumas cautelas em sua utilização. Assim, os livros de memórias, por exemplo, apresentam por vezes diferenças interpretativas em relação aos acontecimentos. Ou, além disso, quando não poucas vezes “fatos” e “informações” são fabulados ou simplesmente distorcidos, tanto pelas fontes policiais-militares como pelas jornalísticas, para caucionar tanto a atuação das forças repressivas como justificar certa visão de mundo, respectivamente. Felizmente Lincoln Secco evitou com sobriedade, sagacidade e diligente atenção estas armadilhas.

Além disso, mas não menos importante, não se pode deixar de lado o maior inimigo dos livros: o analfabetismo, a verdadeira praga de nosso país, deliberadamente produzida e mantida pelo Estado brasileiro. As autointituladas “elites” (que sequer conseguem preencher os básicos requisitos das definições do respectivo verbete de dicionário), com exceção de alguns momentos da história do Brasil – em especial nos quinze primeiros anos do século XXI –, frequentemente pensaram, e ainda pensam, a educação apenas como um direito delas próprias. Nessa questão, como em muitas outras, foram os trabalhadores e suas organizações políticas e sindicais que sempre lutaram, e ainda lutam – pois o saldo devedor é enorme –, pelo acesso universal à educação.

O Brasil, como disse Antonio Carlos Brasileiro de Almeida Jobim – o nosso Tom Jobim –, não é para principiantes. Quando um membro da suprema corte brasileira (pausa para gargalhada) afirmou desejar que o Brasil voltasse “a ser uma Pátria mãe gentil para todos” sabe-se, na verdade, que o insípido autor suspirava e sonhava para que o calendário do país voltasse ao dia 12 de maio de 1888 e ficasse aí parado, e, se possível, recuasse ainda mais. Na verdade, tais devaneios atravessam o chamado Poder Judiciário em suas várias instâncias. O mundo dos sonhos destes supremos seres e seus pares é aquele com um imperador Orléans, príncipes, princesas, duques, condessas, barões, marquesas, viscondes, conselheiros, bailes na Ilha Fiscal, e, principalmente, escravos, muitos escravos. Mas, quando esses mesmos personagens estão no exterior, ou dão entrevistas a correspondentes estrangeiros, exaltam a democracia, os avanços institucionais, e outras tantas “modernidades” desse impávido colosso. Assim como fez um membro do corpo diplomático (pausa dobrada para nova e estrepitosa gargalhada) ao garantir de mãos juntas que há um “compromisso inabalável da sociedade e do governo brasileiros com

a democracia e a proteção dos direitos humanos”. O que escondem ou simplesmente não sabem – já que muitos deles são apenas miquinhos amestrados com déficit de letramento – que muito do verdadeiro e moderno Brasil é produto da ação e da luta dos, como dizem os supremos, “de baixo”. Estes, com seus jornais, seus livros, sua palavra registraram e vocalizaram estas reivindicações e conseguiram obter o apoio de quase toda a sociedade (afinal os supremos diplomáticos nunca deixarão de existir e jamais largarão o osso). O voto universal para homens e mulheres, alfabetizados ou não, a previdência social, a proibição do trabalho de menores, a saúde pública, a educação pública e gratuita, o fim da pena de morte, entre outros tantos, são exemplos de suas conquistas. Não à toa, os supremos brutamontes diplomáticos e seus parças querem destruí-las.

Foi com livros e os seus leitores que a humanidade pôde construir muita coisa. É verdade que uns *Mein Kampf*, e outros tantos do mesmo gênero daquele supostamente “escrito” por Adolfo H., fizeram e continuam a fazer estragos, infelizmente. E aí estão seus herdeiros, os mebelês e os tucanos do século do XXI, que não me deixam mentir. Mas, apesar disso, o saldo ainda é positivo. Mesmo quando representantes comerciais das empresas de *hardware* e de *software* travestidos de críticos “culturais” criam um suposto dilema mercantil (livro ou publicação digital?), é fácil saber, apesar dos esforços dos rentistas, que o livro continuará. Afinal, algo que serve de plataforma para as maravilhas digitais e o seu comércio e que foi criado sob a lógica da Guerra Fria, como a Internet, nunca vai dar certo. E não é necessário esforço algum para atestar os seus resultados: mentiras, insultos, misoginia, xenofobia e outros tantos “ia”.

A batalha dos livros nos abre um imenso mundo criado por uma vasta rede de pensamento que, em comum, tem a ânsia de mudar o mundo e garantir à humanidade o direito a uma vida digna e sem desigualdades. Ali estão os comunistas, os anarquistas, os socialistas e tantos outros que apresentaram aos brasileiros seus pontos de vista e modos de enxergar e transformar o mundo. Lincoln Secco recupera os primórdios dessa trajetória na primeira metade do século XIX e acompanha o seu desenvolvimento a partir de pequenos grupos que lenta e constantemente crescem, ao mesmo tempo em que, em meio a enormes dificuldades, sobretudo de ordem material, vão constituindo os meios técnicos para a consecução de seus objetivos. Eles começaram nas páginas de seus pequenos boletins e jornais e ao longo do tempo vão se dando as condições para a produção e publicação de folhetos, brochuras e livros, que tomam efetivamente ímpeto após o final da escravidão. Ao mesmo tempo surgiu e se fortaleceu o intercâmbio com o estrangeiro, propiciado em especial com a enorme corrente migratória provocada pela lavoura cafeeira, o

qual fazia chegar a terras brasileiras as ideias elaboradas particularmente na Europa. Foi assim que por aqui surgiram os textos de anarquistas e socialistas nos primeiros anos após o fim da monarquia.

Se a imigração abriu o movimento editorial dos trabalhadores, para o aumento e a ampliação da publicação e circulação de jornais, folhetos, brochuras e livros foi sem dúvida a Revolução Russa de 1917 que se revelou um imenso catalisador. Muito dessa literatura que aqui circulava em idiomas estrangeiros também passou a ser traduzida e publicada no Brasil. É bem verdade que se as ideias tinham chegado e começado sua acomodação e aclimação em terras brasileiras bem antes, após 1917, e particularmente a partir da fundação do Partido Comunista do Brasil (PCB), em 1922, elas terão uma ênfase maior. Tal foco, todavia, se deu em torno da Revolução Russa, o que fez com que muito dessa produção girasse em debates a respeito do Estado soviético. Tal fato criou uma *blague* em que se afirmava, com um fundo considerável de razão, que o comunismo chegara antes do marxismo por estas paragens tropicais. Neste momento, em especial entre os anos 1930 e 1950, o que de marxismo chegou aqui em grande parte foi uma versão jesuítica interpretada por Stalin e seus epígonos, e que tomou o indevido nome de marxismo-leninismo. Foi somente a partir dos anos 1960, mas de fato a partir do ocaso da ditadura golpista de 1964, no final dos anos 1970, é que as obras de Marx, Engels, Lênin, Trotsky, Gramsci, Rosa Luxemburg e tantos outros começaram efetivamente a serem traduzidas e publicadas por aqui.

Lincoln Secco faz mais que expor essa secular trajetória do livro de esquerda no Brasil. Ele traça o campo onde essa literatura se disseminou e os seus meios de difusão e circulação. Mesmo assim, se começaram a ser produzidos e circular nos circuitos a que se destinavam prioritariamente, como sindicatos, partidos, reuniões, assembleias, livrarias especializadas, escolas de formação, etc., estes livros com o passar do tempo também entraram no chamado “mercado editorial” com vistas a atingir um público mais amplo, especialmente através da criação de editoras próprias. Estas, embora se caracterizassem pela inconstância de sua existência – sobretudo por serem alvos recorrentes da repressão –, ao longo do tempo foram adquirindo o *savoir faire* profissional e passaram a criar estruturas capazes de enfrentar as peculiaridades do mercado capitalista de livros. Mas, inegavelmente, especialmente a partir dos anos 1980, os livros de esquerda conseguiram atingir e manter um nicho nesse “mercado”.

A *batalha dos livros* trafeja ainda por uma série de temas, como os espaços de leitura, os tradutores, as mulheres, a formação, a distribuição, o custo elevado das publicações, etc., e a este fascinante exame feito por Secco cabe o leitor enfrentá-lo e dar-se conta de que sua obra nos propicia um instigante panorama do livro de esquerda no Brasil.

No entanto, aparte problemas inevitáveis e facilmente perceptíveis em uma leitura atenta, e que certamente terão seu reparo feito na próxima edição, é imperioso aqui não deixar de fazer duas observações.

A primeira delas reporta-se a uma passagem de um capítulo dedicado às escolas de quadros comunistas, na qual Lincoln Secco trata das edições das histórias do Partido Comunista da União Soviética. Ao referir-se à segunda delas, de 1960 (a qual aparece indicada como sendo de 1959), a respectiva referência (refiro-me à nota 29 na página 112) indica *A Nova História do Partido Comunista Soviético*, de Panas Fedenko, publicada pelas Edições GRD em 1965. No entanto, este livro, publicado pelo Instituto para o Estudo da URSS, de Munique, na Alemanha (o que já nos indica a sua orientação), na verdade faz uma análise da *História* de 1960, que é tratada como uma obra com declarações “sem comprovação e, em alguns casos, frutos óbvios de imaginação política para fins propagandísticos”.³ A próxima edição pede este reparo.

Outra observação refere-se à evocação deste *flâneur* das livrarias e dos sebos paulistanos que assina esta recensão e que reclama a inclusão entre os “Espaços de Leitura”, no qual *A Batalha dos Livros* arrola várias livrarias da cidade de São Paulo, de mais algumas outras. Mais especificamente de três. A Livraria Kairós, situada na esquina das avenidas Paulista e Angélica e que era uma livraria e editora; da Livraria Livramento, situada na Avenida Waldemar Ferreira, também uma livraria e editora; e, por fim, a Livraria Avanço, situada na Rua Aurora, uma casa em que os livros de esquerda tinham um importante peso.

Enfim, *A Batalha dos Livros* é uma sólida base para todos aqueles preocupados e interessados com a cultura de esquerda no Brasil. Questões como os hábitos de leitura dos trabalhadores e dos militantes de esquerda, a amplitude da difusão dos livros de esquerda e tantas outras, as quais até agora receberam um tratamento insuficiente, têm aqui um importante lastro para novas pesquisas.

Para encerrar, gostaria de recordar algo. Rubens Borba de Moraes⁴ abre sua obra sobre livros com uma pequena história, talvez fosse melhor dizer uma fábula:

Dizem que um poeta francês foi uma vez apresentado a um riquíssimo banqueiro. O apatacado personagem perguntou ao poeta:

- Para que serve a poesia?

E o poeta respondeu-lhe:

- Para o senhor, não serve para nada.

Tinha razão o poeta.⁵

Moraes prossegue afirmando que o mesmo poderia ser dito aos que perguntam sobre livros. Somos assim os amantes do livro. Porém, como Rubens Borba de Moraes, provavelmente não preferíssemos repetir as palavras do poeta (embora as pensando), mas tentaríamos explicar - ou prosear, como diz o autor de *O bibliófilo aprendiz* - aos nossos interlocutores sobre a importância e a necessidade dos livros. Lincoln Secco faz parte dessa família.

NOTAS

1. Mestre e doutor em História pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e pós-doutor em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. Coautor de *Na Contracorrente da História* (Sundermann, 2015) e autor de *Pas de politique Mariô! Mario Pedrosa e a política* (Ateliê; Editora da Fundação Perseu Abramo, 2017). Contato do autor: dakar@uol.com.br.
2. CARONE, Edgar. *O marxismo no Brasil* (das origens a 1964). Rio de Janeiro: Dois Pontos.
3. FEDENKO, Panas. *A nova História do Partido Comunista Soviético*. Edições GRD, 1965, p. 13.
4. Rubens Borba de Moraes (1899-1986), professor, bibliotecário e bibliófilo. Foi um dos organizadores da Semana de Arte Moderna. Dirigiu a Biblioteca Municipal de São Paulo. Fundou o curso de biblioteconomia da prefeitura de São Paulo (1936) o qual, três anos depois, foi incorporado pela Escola de Sociologia e Política de que foi um dos fundadores. Foi diretor da Biblioteca Nacional. Dirigiu em Paris e Nova Iorque o Serviço de Informações e a Biblioteca da Organização das Nações Unidas.
5. MORAES, Rubens Borba de. *O bibliófilo aprendiz*. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1975, p. 11.